

Vanessa Guilherme Souza, neste **Meninas-Adolescentes: rituais, corpo e resistência**, fruto de profunda pesquisa de mestrado, desenvolve uma discussão ousada e relevante. É ousado, primeiramente, porque trata da Educação Física, disciplina ainda marginal e desvalorizada no cotidiano escolar. Sabemos que muitas escolas e muitos professores não dão a devida atenção a essa área, entendendo-a como mera recreação ou substituindo-a por treinos esportivos para alguns alunos mais habilidosos. No Ensino Médio, objeto específico desta pesquisa, com a tendência à vestibularização dos procedimentos escolares, esse fato é ainda mais delicado. Algumas escolas substituem as aulas de Educação Física por outras consideradas mais importantes. Ou, ainda pior, terceirizam a Educação Física, enviando seus alunos para academias de ginástica. Felizmente, não é o caso da escola analisada na pesquisa, que aborda a Educação Física com a seriedade que a disciplina merece.

Este trabalho é ousado também porque olha para a Educação Física a partir da perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, especificamente da Antropologia Social, abrindo novas possibilidades para a área. Esta visão, se já possui alguns anos de desenvolvimento na Educação Física, ainda está longe de ser hegemônica. Sabemos que a perspectiva reinante de Educação Física ainda é aquela centrada no paradigma da aptidão física, respaldada exclusivamente por conhecimentos das ciências biológicas.

Este livro ousa também porque os sujeitos analisados pela autora são adolescentes, alunas de uma 1ª série do Ensino Médio e suas reações e relações com o corpo. Sabemos que os(as) adolescentes são o principal alvo por parte dos discursos midiáticos, principalmente os relacionados aos apelos por um corpo belo e as práticas consideradas necessárias para alcançá-lo, tais como intervenções cirúrgicas, dietas, práticas de ginástica e musculação, substâncias proibidas. O corpo feminino é ainda mais utilizado nas propagandas para acirrar esses apelos.

Ora, o que a Educação Física Escolar pode fazer diante disso? A autora foge às respostas óbvias e conclusivas, mas apresenta caminhos que apontam para uma prática de Educação Física que retire o corpo do ostracismo em que se encontra na escola, entendendo-o como local de significações que devem ser compreendidas pelos educadores. Afirmado em suas conclusões que *“A Educação Física pode contribuir para o processo de apropriação do próprio corpo pelas adolescentes”*, a autora vislumbra uma atuação mais comprometida desta disciplina com os anseios dos(as) alunos(as), uma atuação mais próxima dos outros componentes escolares, enfim, uma atuação mais humana.

Trata-se de leitura obrigatória não só para professores de Educação Física, mas para todos os educadores preocupados com o corpo, não como organismo biológico, mas como depositário vivo de uma cultura, um corpo relacional, dinâmico, ritualístico e valorativo.

Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física da UNICAMP

(Abril de 2008)